



calado do cais - minúsculas e maiúsculas, pessoas e coisas.

enquanto estiveram enterrados pela metade na praia do gonzaga, santos, os embarcações do calado do cais eram corpos com vísceras aparentes, instalados de modo a ecoar a mudez da comunidade a que pertencem, sua presença dava a ver o agigantado sistema que move a cidade em direção a sua notória insustentabilidade, furados, em terra firme, eram antinavegantes e um contramonumento com os dias contados, resguardado seu atual estatuto de imagem - passadas as semanas em que impuseram sua presença à frente da fileira de edifícios situados à beira-mar -, reproduz a anatomia da saudade e da espera, conta com sua presença no tempo como garantia de sobrevivência, entregue à nostalgia e devedor de nomes próprios, calado do cais opera no lugar da imprecisão, enquanto reforça uma particular estranheza; nascem, foram transplantados ou estão afundando em areia movediça? ao enterrá-los, faz surgir enraizamentos que desmerecem dicotomias, estão para além do dentro e fora, do continente e conteúdo, do nascer e morrer, emudecidos, usurpados e inúteis, não sabem o que esperar, nem em que mar navegar, em chão movediço, seus corpos convivem com a infertilidade imposta, à beira-mar, funcionam como objetos expurgados do oceano, ou como a escória da sociedade progressista, pouco habituada à partilha, morreram antes da hora, morte induzida pela história carcomida, estanque, devem à ignorância consentida muitos de seus impasses, não tem jeito, calado do cais é injuriado e aclamado ao mesmo tempo, é imponente, mesmo sendo impotente,

aliás, em sua imponente verticalidade, os barcos travam conversa com os edifícios, de maneira a indicar o desmanche da paisagem e o particular modo com que as comunidades locais se tornaram subservientes às potências que chegam sem pedir licença, trata-se de uma narrativa criada para que esses objetos sejam o retrato daqueles que convivem com barcos sem sorte¹ e, ainda assim, reajam incansavelmente ao sistema insustentável que inventa uma sorte de progresso, buscando avançar em sua direção a passos largos, ainda que ligados a nomes próprios - célia e davinil, ex-proprietários dos barcos - são percebidos como alegorias anônimas de comunidades em

calado do cais - lowercase and capital letters, people and things.

while they were half-buried on gonzaga beach, in santos, the boats of calado do cais [a phrase that literally means the "draught of a shipping port," though in portuguese calado can also mean either "boat hull" or "silent"] were bodies with their viscera on display, installed in a way that echoes the muteness of the community they belong to, their presence shed light on the mammoth system that is driving the city toward its notorious unsustainability, with holes in their hulls and stood on their sterns, bow upward, on dry land, they were anti-navigating devices and a short-duration countermonument, now preserved in their current status as images - after the weeks they stood imposingly in front of the row of buildings along the seaside - they reproduce the anatomy of longing and the act of waiting, the rely on their presence in time as a guarantee of their survival, immersed in nostalgia and indebted to proper names, calado do cais operates in the place of imprecision, while it reinforces a particular strangeness: are they being born, were they transplanted, or are they sinking into quicksand? their burial generates rootings that defy dichotomies: they are beyond inside and outside, the container and the contained, birth and death, muted, usurped and useless, they do not know what is in store for them, nor in what ocean to sail, half-embedded in the shifting sand, their bodies must cope with the unproductiveness they have been subjected to, at the seashore they function as objects purged from the ocean, or as dregs of progressivist society, little used to sharing, they died before their time, a death brought on by a worm-eaten, hole-filled and stagnant history, many of their impasses are owing to a compliant ignorance, there is no escape from it; calado do cais is simultaneously assailed and acclaimed, it is imposing, even while being impotent,

in their imposing verticality, the boats engage in a dialogue with the buildings, alluding to the breakup of the landscape and the particular way in which the local communities have become subservient to the powers that be, which arrived without asking permission to do so, it is a narrative created in order for these objects to be the portrait of those who live with luckless¹ boats and nevertheless unflinchingly react to the unsustainable system that invents a luck of progress, seeking to move toward it in long strides, even though linked to proper names - célia and davinil, the boats' former owners - they are perceived as anonymous allegories of communities moving

vias de extinção, enquanto reúnem narrativas silenciadas, outro nome próprio é diana, de onde o calado do cais viu nascer afagos e injúrias: uma ilha-família, destituída de seu arquipélago, uma ilha isolada forçadamente, que já enterrava seus barcos como resultado da impotência reclamada e reanimada pelos fortes do sistema, no entanto, custe o que custar, o calado desse cais resiste, aliás, foi com essa força e com a articulação comunitária que maurício adinolfi o projetou, antes de consentir, calado do cais trava a urgência relativa à construção de monumentos que resistam ao falso sistema progressista, daí promover narrativas que apelam às minúsculas, não por retórica ou predileção, mas pela possibilidade de confrontá-las com os maiúsculos símbolos do poder que desapropriam áreas, entregues ao desenvolvimentismo insustentável,

vale reforçar: diante da verticalidade imponente que redesenha a imagem da cidade, o enterró ou aterro dos barcos convoca outra modalidade de navegação e embate com o iminente estado de extinção, trata-se de uma espécie de microrrevolução subterrânea, é que calado do cais atua em sistema rizomático: espalha raízes de modo a desestruturar a superfície, ao mesmo tempo em que evoca um tipo de naufrágio telúrico, cuja instalação funciona como se desse a ver um trabalho improviso, que não compactua com falta de planejamento, antes, é ativado quando o sistema planejado cai por terra,

nesse sentido, perceber o horizonte redesenhado pelos buracos dos calados indica um modo singular de entrar em um barco furado, à norma do conforme, o artista propõe o disforme, monumentaliza aquilo prestes a se despedaçar, reforçando, assim, a ambiguidade própria à instalação; ao mesmo tempo em que indica o colapso de um sistema global gerado pela desmesura atingida e, notadamente, pelas perdas irreparáveis que promoveu, volta a circular a ideia de que todo homem é um barco, com a diferença de que, neste caso, é, também, um possível retrato da cidade, o que leva a pensar quanto a cidade de santos - percebida sob duas perspectivas aparentemente divergentes - é sujeito-mundo e mundo sujeitoado,

¹ Hemingway, Ernest. O velho e o mar. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

Josué Mattos

headlong toward extinction, while they gather silenced narratives, another proper name is diana, from where calado do cais saw both caresses and revilement arise: an island-family, deprived of its archipelago, an island isolated by force, which was already burying its boats as a result of the impotence demanded and reanimated by the powers that be of the system, at whatever cost, however, the calado [silence] of this cais [harbor] resist in fact, it was with this force and with this communitarian articulation that maurício adinolfi designed it, rather than consenting, calado do cais deals with the urgency related to the construction of monuments that resist the false progressivist system, it thus fosters narratives that call for lowercase letters, not for rhetoric effect of out of preference, but for the possibility of contrasting them with the uppercase symbols of power that expropriate areas, taken over by unsustainable developmentalism,

it is worth noting: before the imposing verticality that has redrawn the city's image, the burial or landfilling of the boats beckons for another mode of navigation and clashing with the imminent state of extinction, it concerns a sort of underground microevolution, calado do cais operates in a rhizomatic system: it spreads roots in order to destructure the surface, at the same time that it evokes a sort of telluric shipwreck, whose installation operates as though it shed light on a toilsome improvisation, out of keeping with a lack of planning, rather, it is activated when the planned system fails to the ground,

in this sense, we perceive that the horizon redrawn by the gaping holes in their hulls indicates a unique way of getting into a leaky boat, to the rule of the harmonious form, the artist proposes the deformed, this work monumentalizes what is ready to break apart, thus underscoring the installation's essential ambiguities: at the same time that it indicates the collapse of a global system generated by the disproportionate results achieved and, most notably, by the irreparable losses which that system gave rise to, this work reiterates the idea that every man is a boat, with the difference that, in this case, the boat is also a possible portrait of the city, which leads us to consider how the city of santos - perceived from two apparently divergent perspectives - is a subject-world and a subjected world,

¹ Hemingway, Ernest. The Old Man and the Sea.

Josué Mattos



Equipe | team
Tibíri, Célia, Davinil, Santarém, Gatão, Vinícius, Osel e Fagner;
Wagner Pimentinha (55º Grupo Escoteiro Morvan D. Figueiredo)
Secretaria da Cultura de Santos:
Prof. Fabião, Vinícius Cesar, Gustavo Natale, Solange Szyszko
Tradução John Norman
Revisão Regina Stocklen
Diagramação Frank Dantas
Assessoria TREMA COMUNICAÇÃO

Agradecimentos | thanks
Pescadores e construtores navais da praia do Perequê/Guarujá, Família, Aidê Resende, Lúcia Quintilliano, Márcio Barreto, Maurício Fernandes (barqueiro - Ilha Diana e catraças)
Rani Bacil Fuzetto (Sesc Santos), Virgínia Spósito

Barcos caixaras enterrados 2m50 na areia
barco Célia 10m05 x 2m67 x 1m80
barco Davinil/Alvorada 8m70 x 2m70 x 1m85

Intervenção pública na Praia do Gonzaga,
Praça das Bandeiras
Santos | SP | Brasil
24.09 a 26.10.2016

www.mauricioadinolfi.com
www.galeriapilar.com



GALERIA PILAR

